

# Atividades de lazer em áreas naturais na Região Metropolitana de Londrina - uma visão do turismo de aventura

## Leisure activities in natural areas in the Metropolitan Area of Londrina - a view of adventure tourism

Diego Rigon Menao\*  
Adilson Nalin Luiz\*\*

\* Discente do curso de Turismo e Hotelaria da Universidade Norte do Paraná (UNOPAR).  
e-mail: <diego\_menao@yahoo.com.br>.

\*\* Mestre em Geografia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Docente do curso de Turismo e Hotelaria da UNOPAR.  
e-mail: <nalin@unopar.br>.

### Resumo

Nos últimos anos, o lazer passou a ser mais valorizado, pois se tornou o meio encontrado pelo homem para fugir do cotidiano, buscando os ambientes naturais para a prática de atividades que envolvam o deslocamento, a aventura e o culto à natureza, considerando o turismo de aventura o expoente maior desta época. Pretende-se demonstrar – por via do Projeto de Iniciação Científica intitulado Atividades de Lazer em Áreas Naturais e suas Relações com o Turismo – quais atividades são praticadas na Região Metropolitana de Londrina relacionando o lazer, o turismo de aventura e as medidas que podem ser tomadas para a viabilidade e a sustentabilidade da atividade na região. Para isso, realizam-se pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo, a fim de analisar o potencial, a infra-estrutura e a capacitação profissional para a gestão turística. Com isso, no seu maior intuito, este trabalho pretende fornecer informações pertinentes para o planejamento estratégico do turismo local, bem como o plano de marketing para a divulgação das atividades.

**Palavras-chave:** Lazer. Turismo de aventura. Sustentabilidade. Planejamento.

### Abstract

*In recent years leisure has been more and more valued, as it became a means found by people to run away from the daily routine. They search for natural environments for the practice of activities involving movement, adventure and contact with nature, therefore considering adventure tourism as the highest exponent of these times. It is our intention to show – by means of the Scientific Initiation Project entitled Leisure Activities in Natural Areas and their Relationship with Tourism – which activities are practiced in the Metropolitan Area of Londrina, relating leisure, adventure tourism and the measures that may be taken for the viability and sustainability of the activities in the region. In order to do that, a bibliographical research and a field research were carried out, so that the potential, the infra-structure and the professional qualification for tourism management were analyzed. The main aim of this work is to provide information concerning the strategic planning of local tourism as well as the marketing plan for the advertisement of the activities.*

**Key words:** Leisure. Adventure tourism. Sustainability. Planning.

## 1 Introdução

Recentemente, o lazer tem estimulado um grande número de estudos, devido ao fato de fazer pouco tempo que a sociedade se voltou para sua importância e para sua necessidade. Quando relacionado ao trabalho, o lazer ainda não é bem visto, pois muitas pessoas acreditam que lazer é um tempo perdido, um tempo inútil. No entanto, este quadro apresenta mudanças, sobretudo com o advento do turismo que além de estar re-conceituando este termo, tem sido visto como uma alternativa de renda no nosso país.

Nota-se o crescimento da indústria do lazer por ser tratada como uma alternativa para fugir dos grandes centros, e possibilitar a prática de atividades sem compromisso, tornando-se um moderador dos problemas do cotidiano e um controlador das necessidades humanas de repouso, auto-estima, saúde, etc.

Estudaremos a prática de atividades de lazer em

meio natural na Região Metropolitana de Londrina (doravante RML) – Paraná, com o intuito de tratar o desenvolvimento do turismo de aventura de forma sustentável como uma alternativa de viabilizar o crescimento local da economia, fomentando uma maior qualidade de vida da população, bem como o crescimento da economia turística.

Assim sendo, buscou-se os seguintes objetivos:

- Catalogar as atividades de lazer em áreas naturais na Região Metropolitana de Londrina com potencial para o turismo de aventura;
- Fornecer informações para o planejamento estratégico e divulgação do turismo de aventura na região;
- Conscientizar sobre o potencial turístico da RML.

## 2 Metodologia

Para a efetivação deste trabalho, realizou-se

pesquisa explicativa através do método experimental observacional com o intuito de analisar os fatores que contribuem para o desenvolvimento do turismo de aventura. A análise ocorreu através de conversas e convivência entre os autores do trabalho (orientador e orientando) e pessoas relacionadas ao turismo de aventura, sendo favorecido pela prática de atividades de aventura por parte dos mesmos, contribuindo para o enriquecimento dos dados deste estudo.

Foram utilizadas fontes bibliográficas e eletrônicas através de estudos exploratórios por meio de livros, revistas, mapas, guias, catálogos e *sites* e pesquisa de campo na Região Metropolitana de Londrina (RML). No entanto, no princípio do trabalho, houve uma dificuldade para se realizar o levantamento através de fontes eletrônicas, pois ainda não se tinha conhecimento dos *sites* de melhor acesso. No decorrer da pesquisa, os endereços “âncoras” do trabalho (ORadical, Ecoesporte, Revista 360º, entre outros) permitiram que se encontrassem as atividades catalogadas com maior facilidade. Os dados foram arquivados em mídia ou disquete, nos quais realizamos as modificações no decorrer do tempo.

### 3 Fundamentação Teórica

#### 3.1 O ecoturismo e seus impactos

O turismo de caráter ecológico, realizado em ambientes campais, surgiu no Brasil na década de 80, após perceber-se que a degradação proveniente da massificação do turismo e o aumento do interesse mundial para tal prática vinham crescendo. Portanto, o ecoturismo pode ser considerado o segmento turístico com maior apelo ambiental além de exigir um planejamento mais apurado pelo fato de envolver fatores de risco para a cultura e meio ambiente local.

A diferenciação na forma de conduzir e na consciência sobre a prática do ecoturismo fomentou discordâncias entre a definição do termo. Segundo a Empresa Brasileira de Turismo (EMBRATUR), o ecoturismo compreende:

um segmento da atividade turística que utiliza, de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista através da interpretação do ambiente, promovendo o bem-estar das populações envolvidas. (EMBRATUR, 1994, p. 59).

Para Wearing e Neil (2001, p. 12), o ecoturismo está evoluindo para um tipo de viagem especializada, incorporando uma diversificada lista de atividades e tipos de turismo, desde observação de pássaros, estudo científico, fotografia, mergulho, caminhada na mata, até a recuperação de ecossistemas danificados. Desta forma, analisaremos o ecoturismo como uma prática turística que visa contribuir para a preservação do meio ambiente, possibilitando a interação da população local com os turistas e os ambientes envolvidos, consolidando-se como uma atividade sustentável. Para Luchiarri (2000, p. 117), o conceito do turismo de uso sustentável deve estar calcado na inter-relação entre os fatores socioculturais e ecológicos bem como aos fatores socioeconômicos incorporados ao mercado, comercializando os produtos

ecoturísticos juntamente com a cultura local. Para a autora, o ecoturismo, além de ser um segmento do *trade* turístico com tais finalidades acima citadas, trata-se de um instrumento político que visa também garantir a viabilidade econômica ao longo dos anos.

Wearing e Neil (2001, p. 41) consideram que, para o desenvolvimento do ecoturismo, deve-se haver um plano que integre o governo, a indústria e a população local com seu alicerce baseado em um planejamento, que tem como objetivo identificar as principais questões que podem afetar seu desenvolvimento e gerenciamento, além de desenvolver políticas e programas para ajudar a tornar a indústria mais viável e sustentável. Para os autores, a parte mais importante do plano de turismo é a estratégia de implantação, que deve responsabilizar os grupos pelas ações necessárias, além de designar os interessados responsáveis. Ruschmann (2002, p. 60) sugere a capacitação profissional como forma de garantir a conservação do meio ambiente e proporcionar a rentabilidade adequada aos investidores.

Na opinião de Yázigi (1999 apud VILLAVERDE, 2003), os problemas ambientais realmente sérios, dos quais os outros derivam, inclusive os causados pelo turismo, são basicamente três: os modos de produção (tecnologia), os padrões de consumo e as taxas populacionais em expansão. O referido autor propõe considerar os problemas em seu conjunto, além de fomentar uma postura preservacionista que não somente contemple o espaço-tempo de lazer e turismo, mas que se estenda para a vida como um todo.

Este talvez seja o grande desafio para os profissionais que lidam com o ecoturismo: a conscientização geral, por parte dos profissionais e dos turistas, para que a atividade continue se desenvolvendo de forma sustentável, permanecendo atento ao manejo dos recursos naturais, conservando e respeitando as necessidades da comunidade local.

#### 3.2 Turismo sustentável

De acordo com as definições de ecoturismo citadas anteriormente, nota-se o objetivo explícito da realização do turismo de forma sustentável econômica e ambientalmente. No entanto, é possível considerar que o ecoturismo seja uma atividade rentável e que garanta ao meio ambiente segurança, preservação e viabilidade na sua implantação?

Sabemos que, em muitos casos, a desqualificação da mão-de-obra, a falta de infra-estrutura adequada e inconsciência por parte dos turistas prejudicam os propósitos da atividade ecoturística. Para Boo (1990 apud WEARING; NEIL, 2001, p. 35), na atual gestão ecoturística, os cargos estão sob responsabilidade de pessoas sem treinamento em gestão de turismo. A autora afirma que os ecoturistas, em sua maioria, querem contribuir de forma mais atuante para a conservação dos ambientes naturais, porém não encontram oportunidades para que isso ocorra. Segundo ela, deveriam existir:

- 1) sistemas de cobrança de ingressos;
- 2) alojamentos que pertençam às pessoas da comunidade local e a possibilidade de administração por parte delas;

- 3) criação de cooperativa de artesanato. Portanto, seriam essas medidas que funcionariam como solução para os problemas envolvendo essa mesma comunidade, sobretudo se realizadas com planejamento.

Para Wearing e Neil (2001, p. 37), há a necessidade de formular e implantar estratégias de planejamento adequadas para assegurar que a expansão futura do ecoturismo aconteça de acordo com os princípios do desenvolvimento sustentável. Desta forma, notamos que o ecoturismo compreende um fenômeno em crescimento, mas que, se não houver planejamento e gestão adequados, os resultados obtidos por parte da natureza, dos turistas e das comunidades receptoras aumentarão ainda mais os riscos existentes.

### 3.3 Turismo de aventura

Tanto o turismo de aventura quanto o ecoturismo são temas que apresentam conceitos complexos, considerações e constituição filosófica que variam de acordo com a cultura, a economia e a política do turismo. Segundo Swarbrooke et al. (2003, p. 4), o turismo de aventura pode ser desde uma caminhada pelo campo até uma viagem espacial. Na Oficina Nacional de Turismo de Aventura (2001), a EMBRATUR definiu o turismo de aventura como:

segmento do mercado turístico que promove a prática de atividades de aventura e esporte recreacional, em ambientes naturais e espaços urbanos ao ar livre, que envolvem emoções e riscos controlados, exigindo o uso de técnicas e equipamentos específicos, a adoção de procedimentos para garantir a segurança pessoal e de terceiros e o respeito ao patrimônio ambiental e sócio-cultural. (TURISMO..., 2004).

Através destas definições, notamos a relação existente entre o turismo de aventura e o ecoturismo, sendo consideradas atividades turísticas voltadas para a preservação do ambiente em que se desenvolvem, bem como a sustentabilidade ancorada no desenvolvimento socioeconômico. A diferença encontrada entre os termos é brevemente estabelecida no objetivo principal, no qual o turismo de aventura busca oferecer emoções (aventura, novidade, vertigem, etc.) e o ecoturismo, a contemplação à natureza.

Considerando a emoção como o produto principal do turismo de aventura, torna-se necessário discutirmos sobre a complexidade deste tema, sobretudo aprofundado nas palavras de Damásio (2000 apud BRUHNS; MARINHO, 2003, p. 35), o qual afirma que o aprendizado e a cultura modificam ou tendem a modificar a expressão das emoções; no entanto, “as emoções são processos determinados biologicamente, e dependem de mecanismos cerebrais estabelecidos de modo inato, assentados em uma longa história evolutiva”.

Assim, conclui-se que as emoções são variáveis de indivíduo para indivíduo e dependem do histórico, dos objetivos e das limitações de cada um. O turismo de aventura oferece ao praticante diferentes sensações, desde aquelas remetidas ao sofrimento – cansaço, dor, exaustão e fadiga – até às remetidas ao prazer – sentir

o perfume das flores, ver animais raros e sentir o contato com a água de uma cachoeira; no conjunto destes sentimentos, a sensação de vencer os limites impostos pelo corpo e pela natureza em meio a matas, rios, cachoeiras e cavernas alimenta o desejo de viajar em busca de aventura. Deve-se salientar a afirmação de Sevckenko (2001 apud BRUHNS; MARINHO, 2003, p. 25), a qual destaca que, nas atividades de aventura em geral, os envolvidos parecem passar por uma maximização não apenas de um, mas de todos os sentidos capazes de oportunizar experiências mais íntimas e intensas com o meio ambiente.

Através desta discussão, pretende-se confirmar, baseando-se em Swarbrooke et al. (2003, p. 16), que o intuito do turismo de aventura é o de fornecer sensações através de estímulos para a fuga da rotina diária, bem como propiciar desafios intelectuais, físicos e emocionais, estabelecendo-se como uma atividade recompensadora e que forneça oportunidades para diversão, aprendizado e aperfeiçoamento pessoal, através do contato com a natureza.

### 3.4 Lazer

O lazer sempre foi tratado com preconceito e oposição, principalmente quando relacionado a trabalho, obrigações e educação entre outros. Por este fato, alguns autores consideram que, após vivenciarmos a Sociedade Industrial e a Pós Industrial, agora vivemos em uma Sociedade do Lazer (CAMARGO, 1998).

A palavra lazer deriva do termo grego *licere*, que quer dizer ser permitido. Com este significado, o lazer, considerado por muitos como tudo aquilo que não é trabalho, passou a ser relacionado sempre como um tempo ocioso, inútil. Por ser um fenômeno recente, bem como o turismo, encontramos diversas definições sobre o termo lazer. Segundo Dumazedier (1976 apud CAMARGO, 1998, p. 19), o lazer compreende:

um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de bom grado, seja para repousar, seja para se divertir, seja para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou s

ua livre capacidade criadora, depois de ter-se liberado de suas obrigações profissionais, familiares ou sociais.

De acordo com essas definições, notamos o fato de o lazer constituir elementos de cunho cultural, social, político e pessoal. Devido à complexidade do tema – por ter suas características baseadas em regiões, costumes, entre outros fatores – surgiram novos conceitos para a prática do lazer, discutido como uma atividade que desfruta o tempo livre e que varia de acordo com a vivência de cada pessoa e, no entanto, vem na contramão das tendências sócio-culturais que cultuam o trabalho. Por isso, a discussão sobre a relação entre lazer e trabalho se tornou fundamental para entendermos o rumo ao qual a humanidade se encaminha. Para tal discussão, torna-se necessário citar De Masi (2000, p. 135) que defende a realização do ócio criativo e o desfrute do

tempo livre, e os caracteriza como uma problemática histórica devido ao fato de a sociedade ser alienada pelo consumismo, necessidade de poder e de dinheiro.

Para adquirir dados pertinentes ao presente trabalho, pretende-se aprofundar no estudo das tendências atuais e não na problemática das origens do lazer na sociedade. Desta forma, a prática do turismo e do lazer apresenta uma crescente demanda, justificada pela necessidade de fugir da turbulência das grandes cidades, pois esta possibilita a realização de uma atividade sem compromisso, um esquecimento dos problemas e um controlador das necessidades humanas de repouso, auto-estima, etc., podendo considerar também que o lazer já não é mais considerado qualquer atividade que não seja trabalho<sup>1</sup>.

Dentro das atividades de lazer, as atividades que ocorrem em áreas naturais são o objeto de pesquisa deste trabalho. Desta forma, relacionando os conceitos de lazer, turismo e natureza, procuram-se citar tais atividades praticadas na RML através de uma catalogação, a fim de confirmar o aumento na demanda bem como o potencial encontrado na região voltado para o turismo de aventura.

## **3.5 Esportes**

### **3.5.1 Arborismo ou arborismo**

#### **3.5.1.1 Descrição**

Atividade de caráter radical praticado dentro da mata ciliar – passagem de uma copa de árvore à outra. Todo o circuito deve ser percorrido com equipamento de segurança e acompanhado por instrutores.

#### **3.5.1.2 Equipamentos utilizados**

Tênis com solado aderente ou bota de caminhada, roupa de banho, roupa leve para praticar a atividade (short, camiseta, top, etc), repelente, protetor solar. Um kit arborismo (cadeirinha, mosquetão e polia), o participante percorre 5 trechos aéreos, cuja dificuldade vai aumentando progressivamente.

#### **3.5.1.3 Locais praticados**

- Proximidades do Lago Igapó;
- Propriedades da Região de Tamarana, Cambé, etc.

### **3.5.2 Bóia-Cross**

#### **3.5.2.1 Descrição**

O bóia-cross é o nome dado para a atividade de descer rios utilizando uma câmara de ar, amarrado de forma a deslizar sobre a água, levando apenas uma pessoa por bóia. O bóia-cross é praticado de barriga para baixo, deitando-se sobre a bóia com a cabeça na extremidade frontal e os pés na parte final.

#### **3.5.2.2 Equipamentos utilizados**

Bóia (não deve ter remendos), cinto de segurança, cordin (corda mais fina de mais ou menos 2 metros que vai ligar a pessoa à bóia), colete salva-vidas e capacete.

#### **3.5.2.3 Locais praticados**

- Rio Tibagi.

### **3.5.3 Caminhada/Trekking/Hikking**

#### **3.5.3.1 Descrição**

Ato de percorrer áreas selvagens ou não selvagens a pé com o mínimo de infra-estrutura com o intuito de desfrutar a natureza causando o menor impacto possível.

#### **3.5.3.2 Equipamentos utilizados**

Mochila, barracas, calçados próprios para o esporte (leves e arejados), roupas claras, calças próprias para caminhada, cantil ou caramanhola (garrafinha utilizada por ciclistas), fogareiro de uma boca, GPS ou bússola, canivetes e facas, lanternas, meias e saco de dormir.

#### **3.5.3.3 Locais praticados**

Pode ser praticado em qualquer local em meio natural e em todas as épocas do ano sem a utilização de muitos acessórios.

- Parque Estadual Mata dos Godoy
- Estrada dos Pioneiros
- Estrada do Limoeiro
- Fazendas da Região

### **3.5.4 Canoagem**

#### **3.5.4.1 Descrição**

Atividade praticada sob um caiaque, tendo como auxílio um remo. Atividade que tem em seus primórdios as raízes de mar, e com o passar dos anos passou a ser usada em águas doces. Possui diversos tipos de modalidades para a prática como: Canoa Canadense, Caiaque, Canoa Havaiana, etc.

#### **3.5.4.2 Equipamentos utilizados**

Embarcações definidas para cada modalidade, remos e colete salva-vidas (caso a pessoa não saiba nadar).

#### **3.5.4.3 Locais praticados**

- Lago Igapó;
- Rio Tibagi.

### **3.5.5 Jet Ski**

#### **3.5.5.1 Descrição**

Tipo de atividade praticada em águas (lagos, rios, mar) em embarcações motorizadas conhecidas como moto-aquáticas.

#### **3.5.5.2 Equipamentos utilizados**

Além do próprio Jet Ski, uma série de equipamentos é necessária para uma prática segura como: roupa de neoprene, botas pra jet ski, luvas, colete salva-vidas, capacete, óculos e perneiras.

#### **3.5.5.3 Locais praticados**

- Lago Igapó.

### **3.5.6 Mountain Biking**

#### **3.5.6.1 Descrição**

Trata-se do ciclismo voltado para trilhas e montanhas com os mais variados tipos de terrenos, de preferência praticado com veículos próprios – as mountain bikes,

<sup>1</sup> Consultar BRUHNS, Heloisa Turini. *Introdução aos Estudos do Lazer*. Campinas: UNICAMP, 1997.

bicicletas fabricadas com alguns diferenciais que permitem o acesso a qualquer tipo de obstáculo e à realização de uma diversidade muito grande de manobras. Uma espécie de “bike off-road”.

### **O cicloturismo**

Turismo realizado com bicicletas, onde o praticante percorre todo o percurso previsto sob as mesmas. Este tipo de turismo encontra em franco crescimento, pois possibilita um desfrute maior da viagem.

#### **3.5.6.2 Equipamentos utilizados**

Capacete, ciclocomputador, GPS, mochila, suspensão, tênis, bicicleta, mala bike, paralmas, bar-end, alforje, bagageiro, bolsa para quadro, bolsa de selim, pedal SPD, sapatilhas, firma-pés ou pedaleira, buzina, estrobo traseiro, farol dianteiro, caramanhola, bermuda de ciclismo, óculos, luvas.

#### **3.5.6.3 Locais praticados**

- Estrada dos Pioneiros;
- Trilhas do Cafezal;
- Caminho Londrina – Tamarana;
- Cidades da RML;
- Mata dos Godoy.

### **3.5.7 Off Road**

#### **3.5.7.1 Descrição**

É a atividade praticada em meio rural através de automóveis especializados neste tipo de lazer. *Off road* quer dizer fora de estrada, termo que explicita ainda mais o ato de desbravar novos caminhos. O objetivo é percorrer caminhos não convencionais, difíceis e, algumas vezes, aparentemente intransponíveis.

#### **3.5.7.2 Equipamentos utilizados**

O que caracteriza um verdadeiro off road é o carro jeep, caminhonete ou picape com sistema de tração nas quatro rodas – mais conhecido como 4x4 – cinto de segurança, além dos diversos equipamentos opcionais que variam conforme a modalidade praticada.

#### **3.5.7.3 Locais praticados**

- Estrada do Limoeiro;
- Caminho Londrina – Tamarana;
- Estrada dos Pioneiros;
- Mata dos Godoy.

### **3.5.8 Paraquedismo**

#### **3.5.8.1 Descrição**

O paraquedismo consiste em saltar de um avião em movimento com um pára-quedas nas costas.

#### **3.5.8.2 Equipamentos utilizados**

Avião, pára-quedas, macacões, altímetro, pára-quedas reserva, instrutor.

#### **3.5.8.3 Locais praticados**

- Aeroporto de Londrina.

### **3.5.9 Rafting/ Duk/ Floating**

#### **3.5.9.1 Descrição**

O *rafting* é um esporte que envolve descidas em

botes infláveis nas corredeiras dos rios. Surgiu no Brasil na década de 80 e é muito praticado em países montanhosos como Estados Unidos, Áustria, França e Itália. No Brasil, o *rafting* desenvolveu-se a partir de 1992 em locais com a bacia hidrográfica favorável.

#### **3.5.9.2 Equipamentos utilizados**

Um bote específico para o esporte, tênis, remo, colete salva-vidas, capacete e roupas de neoprene.

#### **3.5.9.3 Locais praticados**

Em qualquer rio, podem ser praticados estes esportes desde que tenham corredeiras.

- Rio Tibagi – Londrina/Tamarana/Jataizinho;
- Rio Apucarana – Londrina/Tamarana.

### **3.5.10 Rapel/Cascading**

#### **3.5.10.1 Descrição**

O Rapel é uma técnica de descida vertical através de cordas, que ocorre em montanhas em meio aquático ou aéreo. Constitui-se em uma atividade que pode ser praticada em cachoeiras, grutas, pedreiras, prédios, entre outros. É uma atividade muito difundida nos dias de hoje, pois possibilita um alto grau de aventura ao praticante e encontra-se maior facilidade para a prática, devido à proximidade e a grande variedade de locais aptos.

#### **3.5.10.2 Equipamentos utilizados**

Mosquetão, Oito/ ATC ou Dresler, Redução, Roldana, Basic, Poignée, Cadeirinha, Corda.

#### **3.5.10.3 Locais praticados**

- Rio Apucarantina – Londrina/Tamarana;
- Pedreira Cafezal;
- Pedreira dos Padres.

### **3.5.11 Tirolesa**

#### **3.5.11.1 Descrição**

A Tirolesa é a travessia por uma corda presa em duas extremidades. As transposições de pessoas ou equipamentos podem ser feitas usando um mosquetão preso a um “cabo-solteira” e conectado à cadeirinha, ou ainda, preso a uma roldana que dará mais velocidade à travessia. Para praticar a tirolesa, fixa-se uma corda ou cabo-de-aço entre os pontos (sendo que um deles freqüentemente está mais alto que o outro), mas necessita de elevado nível de segurança e técnica vertical apurada.

#### **3.5.11.2 Equipamentos utilizados**

Para a prática da tirolesa, dependendo das suas dimensões, é preciso um cuidado todo especial quanto ao quesito segurança. É necessário o uso de equipamentos de escalada como mosquetão (espécie de elo de metal), cadeirinha (confeccionada com fitas de nylon altamente resistentes que veste o quadril da pessoa), peitoral (fita de nylon que veste o peito) e cordas apropriadas.

#### **3.5.11.3 Locais praticados**

- Lago Igapó;

– Mata dos Godoy.

### 3.5.12 Turismo Equestre

#### 3.5.12.1 Descrição

Atividade de lazer onde cavalo e cavaleiro devem percorrer uma trilha com obstáculos naturais em velocidade livre.

#### 3.5.12.2 Equipamentos utilizados

Qualquer raça de equino, botas ou botina, sela, carroça, roupas adequadas como calça ou culote, camisa ou camiseta com mangas.

#### 3.5.12.3 Locais praticados

- Estrada do Limoeiro;
- Estrada dos Pioneiros;
- Trilhas do Cafezal;
- Caminho Londrina – Tamarana;
- Estrada da Cegonha;
- Fazendas da Região.

### 3.5.13 Wakeboard/Ski Aquático

#### 3.5.13.1 Descrição

O wakeboard é uma mistura de esqui e surfe, espécie de snowboard na água. No lugar dos tradicionais esquis duplos (característicos no ski aquático), usa-se uma única prancha, com quilha na frente e trás (simétrica), sendo que o praticante é puxado por um cabo preso a uma lancha em alta velocidade. Sobre essa placa de fibra – 1 centímetro de espessura, 1,30 metro de comprimento e 45 centímetros de largura – o esquiador consegue realizar saltos e acrobacias, sendo a marca do esporte. Já o ski aquático é uma atividade praticada sob duas pranchas com a mesma finalidade do wakeboard, ou seja, realizar manobras esquiando sendo puxado por um barco.

#### 3.5.13.2 Equipamentos utilizados

Prancha de Wakeboard e pranchas para Ski aquático, bota, luva, barco e colete salva-vidas.

#### 3.5.13.3 Locais praticados

- Lago Igapó.

## 4 Considerações Finais

O turismo de aventura, através do aumento na prática do lazer, tornou-se uma das formas mais interessantes e procuradas para fugir da conturbada rotina do dia-a-dia. Desta forma, medidas de planejamento adequadas,

capacitação profissional e apoio governamental para a melhoria da infra-estrutura, aliadas às tendências atuais para o lazer e o turismo, garantem um desenvolvimento sustentável da atividade.

Através da catalogação realizada, nota-se o potencial e a diversidade de locais para a prática de atividades de lazer na RML.

Assim, deve-se haver um plano de divulgação por parte das entidades que regem o turismo na RML para que os atrativos existentes na região se tornem conhecidos no âmbito local e nacional a fim de consolidar o turismo de aventura como uma opção de geração de renda, emprego e de melhoria na qualidade de vida da população.

## Referências

BRUHNS, H. T. *Introdução aos estudos do lazer*. Campinas: UNICAMP, 1997.

BRUHNS, H. T.; MARINHO, A. *Turismo, lazer e natureza*. São Paulo: Manole, 2003.

CAMARGO, L. O. de L. *Educação para o lazer*. São Paulo: Moderna, 1998.

DE MASI, D. Perspectivas para o trabalho e o tempo livre. In: GARCIA, Brivelto B.; LOBO, Francis (Ed.). *Lazer numa sociedade globalizada*. São Paulo: SESC/WRLA, 2000.

EMPRESA BRASILEIRA DE TURISMO (EMBRATUR). *Diretrizes para uma política nacional de ecoturismo*. Brasília: Embratur/Ibama, 1994.

LUCIARI, M. T. D. P. Urbanização turística: um novo nexo entre lugar e o mundo. In: SERRANO, C. et. al. (Org.). *Olhares contemporâneos sobre o turismo*. Campinas: Papirus, 2000.

RUSCHMANN, D. *Turismo no Brasil: análise e tendências*. Barueri: Manole, 2002.

SWARBROOKE, J. et. al. *Turismo de aventura*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

TURISMO de Aventura. Disponível em: <[http://www.ambiente.sp.gov.br/ecotur/seminario\\_regional.htm](http://www.ambiente.sp.gov.br/ecotur/seminario_regional.htm)>. Acesso em: 25 ago. 2004.

VILLAVERDE, S. Refletindo sobre lazer/turismo na natureza, ética e relações de amizade. In: BRUHNS, H. T.; MARINHO, A. *Esporte, lazer e natureza*. São Paulo: Manole, 2003. Cap. 3, p. 53-74.

WEARING, S.; NEIL, J. *Ecoturismo: impactos, potencialidades e possibilidades*. São Paulo: Manole, 2001.